

O CUIDAR DO OUTRO NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA

Regina Lúcia Ribeiro Moreno *

Maria Salete Bessa Jorge **

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica com base na teoria de Martin Heidegger realizada com oito mães acompanhantes do Hospital Infantil Albert Sabin, Fortaleza, CE, Brasil, com o objetivo de compreender o cuidar na UTI neonatal na perspectiva dessas mães. As informações foram obtidas pela entrevista fenomenológica e submetidas à análise do fenômeno situado proposta por Martins e Bicudo. As mães revelaram que cuidar do outro nessa UTI implica cuidados com o bebê e frustrações. Além desses aspectos, as mães revelaram-se como seres autênticos que se libertaram da ocupação, indo ao encontro da pré-ocupação.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Cuidado do lactente. Unidade de terapia intensiva neonatal.

INTRODUÇÃO

O modelo assistencial adotado na maioria das Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) ainda é baseado em uma filosofia voltada para o corpo biológico, muito mais do que para a concepção integral do ser humano, na qual o homem é visualizado como um ser biopsicossocial e espiritual.

Na maioria das vezes, não se levam em consideração o aspecto ameaçador e incompreensível das UTIN's; os valores culturais e religiosos das mães acompanhantes nem o saber, o pudor e a privacidade dessas mulheres e até mesmo as possíveis marcas que esse sofrimento físico-emocional possa deixar no binômio mãe-filho ao longo do decurso da doença, sendo esse descaso o que mais inquietou e impulsionou a realizar este estudo.

O "cuidar" materno (tocar, olhar, conversar, realizar as atividades da vida diária- AVD's) na UTIN nem sempre é algo que preocupa os profissionais dessa unidade hospitalar e parece ficar sempre em segundo plano diante do sistema tecnológico dominante, como se não fosse importante para a vida dos bebês enfermos e seus familiares.

Autores como Androus, Minamisava e Munari (2004) asseveram que parte dessa

problemática pode estar relacionada ao despreparo profissional em relação ao cuidado dispensado à mãe ou à pouca valorização da necessidade vivencial da família "doente".

Concorda-se com Soares, Nóbrega e Garcia (2004) quando postulam que, em virtude das novas mudanças das ciências nos últimos anos, a realidade vivida na maioria das UTIN's tem passado por modificações, principalmente após a propagação da assistência humanizada assumida nos últimos anos.

No entanto, percebe-se que culturalmente esse significado ainda é "muito falado e pouco vivido". Há profissionais da saúde que não acreditam que os bebês enfermos sejam capazes de responder favoravelmente ao "cuidar" materno e ainda que esses pacientes/clientes (o majestoso ser de fraldas) necessitam de cuidados de excelência, dirigidos não apenas para seus problemas fisiopatológicos, mas também para as questões psicossociais, ambientais que se tornam intimamente interligadas a sua doença física (VILA; ROSSI, 2002).

Na busca de provocar uma reflexão na equipe de terapia intensiva neonatal, surgiu, como como proposta deste estudo, compreender o modo como vem acontecendo o "cuidar" do *outro* (filho) bem como o exercício da maternidade no cenário da UTIN para que se

* Terapeuta Ocupacional. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Infantil Albert Sabin. Mestre em Saúde da criança e do adolescente. E-mail: reginarmoreno@gmail.com.

** Enfermeira. Professora Titular da Enfermagem em Saúde Mental da UECE. Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Mental, Família e Práticas de Saúde. Pesquisadora CNPq.

possa construir de fato uma assistência mais humanizada, menos agressiva e hostil nas UTIN's.

A compreensão para Forghieri (1993) é a forma de conhecimento que o homem possui de que está no mundo e que, a partir dele, poderá encontrar possibilidades de projetar-se, de conhecê-lo e de realizar coisas diversificadas. Nessa concepção, optou-se pela compreensão do fenômeno, pois essa abordagem é capaz de proporcionar o conhecimento do outro e do mundo ao favorecer o estabelecimento da relação entre sujeito-sujeito (BARGUIL; LEITE, 1997).

Alteridade e cuidar

Para que se pudesse conhecer a realidade desse "cuidar" na UTIN, seria necessário e urgente compreender terminologias relacionadas, em parte, a essa especificidade para que houvesse a possibilidade de construir e melhor compreender o objeto que interessa aqui.

Após uma busca à filosofia, achou-se prudente discutir a alteridade como produto e processo psicossocial.

Jodelet (1998) refere que o outro se define em vista da identidade de um observador e que, considerando as dimensões simbólicas subjacentes a toda relação, a experiência do encontro com o outro, tal qual ela é vivida do outro lado do espelho é fundamental.

No entanto, Bingemer (2005) discorre que a alteridade, ou seja, o lugar do outro na vida humana e na experiência vital apresenta duas visões radicalmente diferentes. Uma descrita por Sartre, que vê a "convivência com o outro" como algo ruim e a de Levinas, que pensa a alteridade em termos diferentes: o outro que se apresenta ao "eu" e brilha como uma revelação, uma epifania.

Como visto, dois pensadores, dois pensamentos, contudo, prefere-se acreditar que a alteridade na UTIN deve se aproximar do pensamento de Levinas, jamais o outro poderia ser um "inferno". Todavia, Sartre parece ter razão se se pensar o que se passa no mundo de hoje, incendiado pela violência, guerra e sofrimento, onde o ser humano enxerga em seu semelhante uma fatalidade infernal que é preciso eliminar a qualquer custo.

Jovchelovitch (1998) sugere que é na visão positivista da alteridade que residem elementos fundamentais para a vida psíquica e social e que sem essa alteridade não há saber e também que o seu reconhecimento é elemento fundante tanto para a emergência do eu como do outro.

Duveen (1998) trata da importância da visão de alteridade junto ao recém-nascido ao descrever que o bebê, assim que nasce, não tem qualquer senso do eu enquanto agente ou identidade, necessitando das representações que lhe são dadas por seus pais, irmãos e demais a partir das relações de diálogo e da forma como esses interagem para que possa construir a sua identidade humana. Segundo este autor, a identidade de uma criança é regulada pela ação dos outros nos primeiros 18 meses de vida, iniciando-se quando lhe dão um nome.

Guareschi (1998) acredita que no conceito de alteridade há liberdade e criação e bons e maus. Os primeiros libertam e os segundos dominam, alienam. Portanto, a verdadeira alteridade geralmente está na eticidade existencial do ser. Consiste em reconhecer o "outro" e estabelecer relações de diálogo construtivas. Não pode ter como ponto de partida o nós mesmos e sim o outro, porque o outro deve ser alguém essencial a mim mesmo, alguém que ajuda a me constituir e a me definir.

FENOMENOLOGIA: O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O método fenomenológico surgiu aproximadamente no início do século XX, na Alemanha, em contraposição ao conhecimento científico tradicional, com o objetivo de atingir a essência do fenômeno e não apenas os dados, os fatos de que tratam as Ciências Naturais. Teve como fundador Edmund Husserl, que defendia a necessidade de uma atitude transcendental através da epoché que descrevesse os atos da consciência, a essência verdadeira das coisas naturais e dos seres humanos e não somente a postura objetivista de valorização percebida pelos sentidos. Esse método, ao longo de sua evolução histórica, inspirou inúmeros outros estudos e seguidores (CAPALBO, 1996, BARGUIL; LEITE, 1997).

Os culturalistas brasileiros que receberam influxo da fenomenologia foram influenciados, direta ou indiretamente, pelos pensamentos de

Husserl e Max Scheler quando procuraram explorar as estruturas essenciais do fenômeno. No entanto, foi em torno de Heidegger que se agrupou um grande número de fenomenólogos (CAPALBO, 1996; MOTTA, 1997).

Husserl privilegiava a consciência ou o sujeito do conhecimento. Afirmava que as essências descritas pela fenomenologia são produzidas ou constituídas pela consciência que dá significado à realidade, ao mundo das coisas. Para ele, na relação do sujeito do conhecimento com o objeto há um ato intencional da consciência. Assim, Husserl buscava compreender como as coisas apresentam-se e acontecem nos modos subjetivos de viver. Descreveu ainda a essência (eidos) como se constituindo da central invariante que permanece ao longo de todas as variações imaginárias (CAPALBO, 1996).

Enquanto Husserl pensava no ente-sujeito do conhecimento, Heidegger pensava em um movimento de transcendência desse ente, de ascensão acima do ente que é o ser. Entretanto, esse ser que é o criador dos entes diferencia-se deles, visto que mantém uma relação, interage com um mundo, tem uma história. Ao se manifestar no mundo, o ser denuncia sua existência.

A sua essência, portanto, o núcleo invariável, o que o singulariza, é o fato de existir. Assim, para compreender a sua essência é necessário compreender os seus modos de se manifestar na existência, já que é nela que o ser se realiza. Aqui, Heidegger se diferencia de Husserl, haja vista buscar compreender o ser tendo como pano de fundo a historicidade, na qual, para ele, está sua essência.

Considerando o exposto, é prudente retornar ainda ao pensamento de outros autores que escreveram sobre a Fenomenologia. Giles (1975) aponta que a Fenomenologia é um método científico que proporciona os meios para se chegar a uma perspectiva intuitiva das essências para um contato direto com o eidos.

Reale e Antiseri (1991) concebem a Fenomenologia como uma ciência de essências e não de dados, fatos. Para Ribeiro-Júnior. (1991), a Fenomenologia ensina como chegar à essência de um determinado fenômeno, como conseguir a vivência da realidade através da descrição do fenômeno que a experiência oferece.

Martins e Bicudo (1994) assinalam que a Fenomenologia pretende estabelecer a intersubjetividade para chegar à objetividade. Para Barguil e Leite (1997), a Fenomenologia proporciona o conhecimento do outro e do mundo, favorecendo o estabelecimento da relação entre sujeito-sujeito.

A Fenomenologia, como visto, investiga a descrição de fenômenos experienciados conscientemente, sem teorias sobre sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e conceitos. Destaca também o sujeito como elemento necessário para o conhecimento das coisas do mundo exterior sem ignorar a sua existência empírica. Esse método busca contrapor-se ao excesso de objetividade das Ciências Naturais, analisar o fenômeno e compreender o porquê dele.

Tal situação, em termos de construção científica, porém, deve ser mais divulgada para possibilitar aos leitores-pesquisadores uma melhor compreensão do assunto e, conseqüentemente, uma maior adesão a esse método.

CAMINHO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em março de 2003, em Fortaleza, CE, no Hospital Infantil Albert Sabin, com 8 (oito) mães acompanhantes de recém-nascidos em uma UTIN. O critério do quantitativo das mães não foi numérico, mas se constituiu por amostragem conceitual, isto é, quando as experiências foram se repetindo e a compreensão do fenômeno foi aprofundada em várias dimensões, acontecendo, assim, a saturação teórica.

A pergunta-guia utilizada foi: como se mostra a você ser mãe em uma UTIN e vivenciar o “cuidar” do outro nessa unidade hospitalar? Tal indagação norteadora buscou compreender o que é essencial e invariante para que se pudesse chegar à essência desse fenômeno.

O modelo como esse cuidar materno aconteceu foi revelado após compreensão do cotidiano materno na UTIN, pois de nada adiantava tentar descobrir as causas dos pensamentos, sentimentos, percepções e/ou comportamentos de mães acompanhantes se não houvesse a preocupação de dar voz a essas mulheres para que se pudesse penetrar em seu

mundo e revelar o que se encontrava velado sobre o “cuidar” do outro e não o que parecia e aparecia.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE, conforme determinações da Resolução 196/96 do Ministério da Saúde (BRASIL, 1996).

O método de organização e interpretação das informações arrimou-se nas categorias de análise de Martins e Bicudo (1994), isto é, da análise ideográfica (compreensão individual dos discursos dos sujeitos) e nomotética (compreensão das asserções gerais, obtidas a partir da convergência das unidades de sentido), denominada também fenômeno situado ou fenomenologia existencial, na busca de melhor conhecer o mundo experimental e cultural dessas mães, visto que esse caminho pareceu ser a melhor maneira de chegar ao mundo-vida dos sujeitos envolvidos e descobrir o não-dito contido em forma simbólica. Fundamentou-se em categorias heideggerianas teóricas.

As entrevistas fenomenológicas se fizeram presentes como técnica de obtenção de informações após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por possibilitar melhor aproximação aos dados vivenciais da mãe acompanhante, os quais, em tempo algum, poderiam ser quantificados na lógica do conhecimento científico cartesiano, pelo fato de relatar a subjetividade humana, impossível de ser mensurada, calculada, controlada e/ou precisada, como os aspectos objetivos de uma pesquisa científica tradicional.

DESCOBRINDO O “CUIDAR” DA MÃE ACOMPANHANTE NA UTI NEONATAL

Foram trabalhadas unidades de significado a partir de trechos das falas das entrevistadas visando obter não somente a convergência dos discursos, mas também para compor a configuração das asserções gerais, importantes para desvelar a estrutura do fenômeno: “O cuidar do outro na UTI neonatal”.

Analisando a convergência dos discursos com fundamento no referencial filosófico de Martin Heidegger, pôde-se depreender que “Cuidar do outro na UTI neonatal” implica cuidados com o bebê, frustração e pré-ocupação.

Cuidados com o bebê

O cuidado materno, atividade com a qual se ocupam algumas mães acompanhantes deste estudo, foi demonstrado e praticado, na maioria das vezes, de maneira interpessoal, sob um prisma existencial, eficiente, para promover saúde e crescimento, alívio da dor ou até facilitar a cura (WATSON, 1985).

Por conseguinte, foi conceituado como um constitutivo do sujeito e não como algo exterior a ele. Esse cuidado, todavia, pode ser entendido de várias maneiras. Heidegger (1993) pondera que o cuidar é algo a mais do que um simples ato; uma atitude que, do ponto de vista existencial, se encontra na constituição ontológica do ser, ou seja, na existencialidade, na historicidade, na mundaneidade desse ser.

Boff (1999) concebe esse cuidar como a oportunidade de compreender sinais dados pelo outro (filho), porque ser mãe é algo mais do que uma função, engloba o corpo, a psique e o espírito da mulher-mãe.

Nesste estudo, as mães discorrem sobre as possibilidades e/ou dificuldades de realizar o cuidado na UTIN e ainda sobre o significado dessa prática para ela e para o seu bebê enfermo:

[...] Tô de licença pra ficar com o “M”. Ele precisa de cuidado, de atenção especial (M-1)... Você fica com aquela vontade de pegar, de cuidar, banhar, fazer todas aquelas coisas (M-8).

A mãe acompanhante, de acordo com a concepção Heideggeriana (1993), é um ser-aí (ente com característica única, em uma determinada espacialidade) de sentimentos e preocupações que se revela como um ser que cuida, mas que também precisa de cuidados. É aquele que age e reage movido pelos encargos do cuidado ao ser lançado no mundo da UTIN. E vivencia, de forma explícita ou não, aspectos existenciais, revelando, consciente ou inconscientemente, os significados que atribui à maternagem.

O cuidado materno, como referido, é ação complexa, podendo ou não se manifestar e transcender as paredes de uma UTIN a partir do encontro com o outro (filho) e ainda provocar uma multiplicidade de sentimentos e reações essenciais do ser-no-mundo (ser que tem que

viver em um mundo sociopolítico-histórico-cultural no qual encontra-se inserido) tais como sensibilidade, afeto e solicitude; o cuidar solícito é o estar-com (relacionar-se com o outro). O cuidar, o relacionar-se com o outro é, portanto, a estrutura fundamental do ser-aí, pois desenvolve as possibilidades de o ser-no-mundo relacionar-se consigo e com os outros. No mundo da UTIN, algumas mães referem não saber e outras não serem autorizadas a fazer nada, porém, antes de questionar tal comportamento, é importante visualizar ambas as faces dessa interação humana: a mãe que cuida, quando necessita ser cuidada, e o bebê enfermo, que necessita desse cuidado para garantir sua condição humana de ser-no-mundo, cada um como um ser único, com seus direitos e deveres dentro de um mundo existencial único; o mundo da UTIN.

[...] Ajudava, tirava a temperatura, alimentava, banhava, trocava fralda, pegava no colo, não ficava parada. Gostava de fazer, de ajudar (M-1). [...] Lá ajudo as meninas a cuidar da minha filha. Troco fralda, seguro pra trocar os panos. As vezes tiro a temperatura, desligo a bomba do soro, seguro a mão dela quando vão tirar o sangue, pra ela não ficar nervosa (M-2) [...] As vezes conversava com ela, segurava pra tirar o sangue, trocava e uma vez coloquei no colo. Hoje ela tá com dreno na cabeça, mas eu troco, banho, dou leite, boto pra dormir, acalento, beijo, cheiro, abraço. E isso é muito bom, faz eu me sentir feliz (M-3) [...] Quando ele tava acordado, abria a incubadora, conversava, pegava na mão e tentava ajeitar ele, quando tava torto. No meu braço, falava com ele e ele ficava olhando. Ah! Eu achava lindo (M-4) [...] Lá troquei pouquíssima fralda, olhava, conversava, cantava pra ele, porque queria que ele ouvisse minha voz e soubesse que quem tava ali era a voz daquela pessoa que gostava de conversar e pegar na barriga, quando tava grávida (M-6).

Frustração

Observou-se que a hospitalização parece despertar na mãe acompanhante diferentes sentimentos e emoções, entre eles a frustração de não poder ter contato íntimo com seu filho que nasceu enfermo e por perceber que ele passará a pertencer, por tempo indeterminado, mais a um corpo de médicos e enfermeiros do que a sua própria família.

[...] Você, sofre, dá amor, atenção, observa, mas não pode dar a assistência, que daria em casa. Você quer fazer, mas não pode. Elas dizem: não, deixa que a gente faz. Mas eu gostava de fazer, gostava de ajudar (M-1) [...] Tem hora que não deixam as mães tocar no filho, trocar a fralda. Aí é difícil, já que tô ali é pra ela sentir, que eu tô ali com ela né? (M-2) [...] Lá dentro da CTI é um pouco frustrante, é uma batalha. Lá, a mãe fica em segundo plano, não consegue participar, quem cuida do seu filho não é você e sim as enfermeiras, os médicos, os [...] Eles é que vão lutar pelo seu filho. Você fica só como se fosse arrodando, assim [...] (M-6) [...] É muito difícil, ser mãe na CTI, porque você não pode pegar no seu bebê. Elas não gostavam muito, Então aquela vontade [...], Ainda mais eu que nunca tinha pegado nele antes, ficava assim, com aquela vontade de pegar, poder cuidar, banhar, de fazer todas aquelas coisas, né? (M-8).

Essas revelações foram fundamentais para refletir acerca da relevância e urgência de se efetuar mudanças na qualidade dessa assistência, flexibilizando uma nova organização do projeto terapêutico nas UTIN's de forma que a mãe acompanhante possa encontrar seu modo de participar/colaborar com o progresso terapêutico.

Para tanto, a equipe de saúde necessita levar em consideração não somente o direito materno, mas também a importância do papel a ser desenvolvido por essas mulheres na UTIN e ainda vê-las como parceiras, colaboradoras e articuladoras das necessidades do Rn enfermo.

Pré-ocupação

A análise existencial de Heidegger (1993) indica que a pré-ocupação responde aos aspectos ontológicos do ser, chegando à autenticidade (o que está escondido na fala), por transcender o momento ôntico (manifestação geral do ser no que diz respeito ao mundo) da inautenticidade (fala), modos do homem se manifestar em sua existência. Pré-ocupação, que é ocupar-se das necessidades do outro como instituição social de fato na tentativa de preencher um significado no mundo. É transcender o simples ato de cuidar de um corpo, de uma doença e/ou das necessidades biológicas de um ser e ocupar-se, por meio da solicitude, que significa atenção cuidadosa para com o outro, das demais manifestações

essenciais de um ser enfermo, pois a essência humana é composta por corpo e espírito.

O passar ao lado um do outro, o não se sentir tocado pelos outros são maneiras deficientes de pré-ocupação que caracterizam a convivência, e não a constituição ontológica da presença materna como ser-com. Preocupar-se, para os sujeitos envolvidos nesta pesquisa é:

[...] É ficar com o bebê, dar atenção. É conversar com ele pra se fazer perceber. É observar o que está sendo feito (M-1) [...] É dar carinho, amor, tocar nele, ficar do lado, saber se ele tá reagindo, aceitando a dieta [...] (M-2) [...] É estar junto do filho, falar com ele, dar carinho, força, passar a mão (M-3) [...] É nervosismo, expectativa, estresse, preocupação. É tudo (M-5).

REFLEXÕES SOBRE O CUIDAR DO OUTRO NA CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA

A presença e a participação materna no “cuidar” do outro na UTIN mostraram-se como fator importante e indispensável para a recuperação do bebê enfermo por transmitir segurança e apoio ao recém-nascido. Esse cuidar, no entanto, apontou facetas contraditórias como oportunidade de aprendizado ou forma de promover o próprio desenvolvimento pessoal e/ou bem-estar do outro, ou ser significado pela mãe acompanhante como uma simples possibilidade de ocupação ou dever para com o outro, sem nenhuma relação ou integração interpessoal.

Em alguns casos, esse “cuidar”, como visto, pode não acontecer e cair, segundo Heidegger (1993), no falatório, na tagarelice (forma inautêntica de viver, tornando-se mera repetição das palavras dos outros), na ambigüidade, por estar preso ao ôntico (modo de ser da presença protegido pelas evidências e pela autocerteza mundana, sem enxergar as possibilidades do ponto de vista ontológico do “ser”), devido a entraves encontrados na unidade hospitalar, ou simplesmente devido à situação na qual se encontra o recém-nascido.

Entretanto, não se pode negar a existência da dificuldade materna de cuidar de sua criança recém-nascida na UTIN da mesma maneira que não se pode subestimar o potencial intelectual, moral e ético de cada ser, assim como sua experiência de vida familiar, social e de

construção de um novo conhecimento (ROLIN et al., 2004).

Neste estudo, pode-se observar que o cuidar materno na UTIN fundamentou-se em categorias heideggerianas teóricas, implicando batalhar; lutar pela vida; participação, quando possível, dos cuidados com o filho enfermo; estar junto, para se fazer perceber; nervosismo; estresse; incerteza; medo; sofrimentos e sucessos; ocupação, força e apoio ao filho, quando o desejo maior era estar longe, conversar, dar carinho e amor, mesmo estando coberta de medos. Enfim, assumir a condição de supermãe que alimenta, veste, trata do corpo doente, quando este estava carente de energias, necessitando também de cuidado, em razão da complexa e difícil situação existencial na qual se encontrava e finalmente, preocupação. Embora ocupada com o outro, realizando as atividades da vida diária (AVD's) ou simplesmente estando junto, foi capaz de transcender o simples ato de cuidar e de se deixar cuidar para preocupar-se com as necessidades psicossociais de seu filho enfermo.

A partir dos recortes das falas dos sujeitos da pesquisa, percebeu-se que essas mulheres, como todo “ser”, necessitam de apoio, compreensão e oportunidade de comunicação para refazer o seu mundo-vida, reconstruir sua comunidade existencial dentro das imposições dessa nova realidade, para que possam evidenciar-se como um ser-com-outro dentro do mundo da UTIN, que necessitam de carinho e apoio do outro (profissional, familiares e/ou demais mães acompanhantes) para neutralizar suas frustrações, medos, culpas, ansiedades, desconforto, dentre outros sentimentos causados pela hospitalização repentina de seu filho, porque esse clima de solidariedade parece favorecer às mães acompanhantes confiança e sensações de bem-estar importantes para o despertar da nova realidade existencial materna: cuidar do outro (filho enfermo) na UTIN.

O trabalho empírico que ofereceu argumentos para a sustentação deste trabalho, como visto, possibilitou compreender a essência do fenômeno “cuidar do outro na UTIN” a partir da redução fenomenológica, pois essa redução, conforme Forghieri (1993), permite visualizar o mundo e o sujeito como fenômeno ou constituintes de uma totalidade, no seio da qual

o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, com significações.

Este estudo trouxe também contribuições valiosas para a compreensão de convivialidade no mundo das UTIN's (relação mãe acompanhante e recém-nascido enfermo, como também o "cuidar" materno) e um possível caminho para resgatar a essência humana e articular novas

diretrizes para clarificação de uma prática assistencial cada vez mais humanizada nas instituições de saúde que incorpore a idéia de Andraus, Minamisava e Munari (2004) de que a família, em especial a mãe acompanhante, é capaz de colaborar/ contribuir com o processo de recuperação da criança "doente".

CARING AT THE NEONATAL INTENSIVE CARE UNIT: A PHENOMENOLOGICAL CONCEPTION

ABSTRACT

This is a phenomenological research based on Martin Heidegger's perspective, carried out with eight escort mothers at Albert Sabin Infant Hospital, Fortaleza, Ceara State - Brazil with the purpose of understanding the neonatal care at Intensive Care Unit (ICU) from the mother's perspectives. Information were obtained by phenomenological interviews and submitted to analysis of phenomena, according to Martins & Bicudo proposal. Mothers revealed that the care for others at ICU implies caring for the baby and a lot of frustrations. Beside these aspects, the mothers revealed themselves as authentic human beings free from the occupation going towards pre-occupation.

Key words: Qualitative research. Infant care. Neonatal intensive care unit.

EL CUIDAR DEL OTRO EN LA UNIDAD DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: CONCEPCIÓN FENOMENOLOGICA

RESUMEN

Este trabajo se trata de una encuesta fenomenológica con base en la teoría de Martín Heidegger realizada con ocho madres acompañantes del Hospital infantil Albert Sabin, Fortaleza CE, Brasil, con el propósito de comprender el cuidar en la Unidad de Tratamiento Intensivo Neonatal bajo las perspectivas de las madres acompañantes. Las informaciones fueron obtenidas a través de la encuesta fenomenológica y sometidas al análisis del fenómeno situado, propuesta por Martins y Bicudo. Las madres revelaron que cuidar del otro en la Unidad de Tratamiento Intensivo implica cuidados con el nene y frustraciones. Además de esos aspectos, las madres se revelaron como personas auténticas que se libertaron de la ocupación, caminando al encuentro de la pre-ocupación.

Palabras Clave: Investigación de cualidad. Cuidado del lactante. Unidad de terapia intensiva neonatal.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, L. M. S.; MINAMISAVA, R.; MUNARI, D. B. Desafios da enfermagem no cuidado à família da criança hospitalizada. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 3, n. 2, p. 203-208, maio/ago. 2004.

BARGUIL, P. M.; LEITE, R. C. M. Voltemos às próprias coisas: o convite da fenomenologia. In: BARRETO, J. A. E.; MOREIRA, R. V. O. (Org.). *Imaginado erros*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997. p. 79-111.

BINGEMER, M. C. L. Duas visões da alteridade. *JB online*. 2005. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/opiniaio/2005/11/13/joropi20051113008.html>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96, 1996. *Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol196/RES19696.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2005.

CAPALBO, C. *Fenomenologia e ciências humanas*. 3. ed. Londrina: Eduel, 1996.

DUVEEN, G. A construção da alteridade. In: ARUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FORGHIERI, Y. C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 1993.

GILES, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPV; EDUSP, 1975.

GUARESCHI, P. Aleridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

JODELET, D. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

- JOVCHELOVITCH, S. Re (des) cobrindo o outro. In: ARUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1994.
- MOTTA, M. G. C. **O ser doente no tríplice mundo da criança, família e hospital**: uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais. 1997. Tese. (Doutorado)-Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- RIBEIRO JUNIOR, J. **Fenomenologia**. São Paulo: Pancast, 1991.
- ROLIN, K. M. C. et al. Sensibilizando os discentes para o cuidado humanizado: vivências do ensino-aprendizagem. **Rev. RENE**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 79-85, jul./dez. 2004.
- SOARES, M. S. S.; NÓBREGA, M. M. L.; GARCIA, T. R. Cuidados de enfermagem a uma paciente com AIDS à luz da variável Espiritual do modelo teórico de Betty Neuman. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 3, n. 2, p. 187-194, maio/ago. 2004.
- WATSON, J. **The philosophy and science of caring**. Boston: Little Brown, 1985.
- VILA, V. S. C.; ROSSI, L. A. O significado cultural do cuidado humanizado em unidade de terapia intensiva: "Muito falado e pouco vivido". **Rev. Lat-am. Enfermagem**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 137-144, mar./abr. 2002.

Endereço para correspondência: Regina Lúcia Ribeiro Moreno. Rua Paula Rodrigues, 77/703. Bairro Fátima. CEP: 60.411-270. Fortaleza – CE. E-mail: reginarmoreno@gmail.com .

Recebido em: 19/07/2005

Aprovado em: 21/11/2005